



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Balão do Pôrto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Pôrto

2.º PRÉMIO DA PALESTRA RADIOFÓNICA

DOS JOGOS FLORAIS DA EMISSORA NACIONAL

Como a porta estivesse encostada e ninguém aparecesse ao meu chamamento, fui entrando, cautelosamente, não fôsse aparecer algum cão, visto serem ali os palheiros, galinheiros, a parte de lavoura. Avancei mais até que cheguei a um alpendre que dava entrada para a cozinha. Uma pobre velhinha comia o seu caldo numa mesa de pedra já própria para os pobresinhos. Enfim, lá está o Carlos e o Constantino, com os seus aventais brancos e boinas de cosinheiros, em volta do fogão enorme e, a seguir, o amplo refeitório dos frades, agora povoado com a pequenada. Era a hora do almoço, por isso não encontrára ninguém na quinta. Sou logo reconhecida e saudada pelo Rio Tinto. No fundo estava o Padre Américo, almoçando com eles. Pediu-me que entrasse e convidou-me para almoçar, o que eu agradei mais, para não incomodar, preferi voltar para o terraço junto à cozinha.

Como estavam quasi no fim, o Durães ou Rio Tinto veio fazer-me companhia e aproveitei a ocasião para lhe dar um masso de «Mosquitos» que já tinha levado para ele. Ficou radiante e começou logo a folheá-los.

—Eia, tanta Mosquitada—gritam mais dois ou três que aparecem e, em seguida, vêm vindo todos. Um dos mais pequeninos, muito gordo e reboludo, vem em grande pranto não sei porquê. Corro a consolá-lo e, para o resultado ser mais eficaz, exclamo:

—Olha, vem cá, trago aqui uma coisa para ti! E, trazendo o para junto do banco, sento-me com ele e procuro no meu sacco qualquer das coisas que lhe eram destinadas. Foi um tambor! As lágrimas cessaram como por encanto e, sorrindo interessado, já tocava com ardor quando o perdi de vista, porque já

Continua na página 3.

O Amor do Próximo

OU fôsse a fingir ou porque, de facto, ignorava, era de uma vez um homem entendido na lei de Moisés que quiz saber do Mestre, quem era e como havia de ser amado o próximo. Eu tenho que a ignorância do doutor da lei, fingida ou séria foi assim designada para dar ensejo a uma lição. Lição publica e universal, a que ninguém se furta de ser um dia chamado, porque é do Mestre. Ei-la:

Um homem ia p'ra feira e no caminho é espoleado por outro homem, que o deixou no chão, a sangrar. Logo atrás passam outros e não fazem caso. Outros, fazem na mesma. Mas há um, também feirante, que ia montado no seu jumento. Desmonta-se. Toma o caído nos braços. Reconhece no ferido um homem com quem anda de mal. Não importa. Estanca o sangue das feridas. Cuida dele. Ama.

Eis a definição exacta de quem é o nosso próximo e da forma de o amar. Faze tu assim, disse o Mestre ao mestresinho e viverás.

Dos que passaram sem se aproximar do caído, ninguém sabe a sorte. O Mestre calou-se; não falou deles. Mas sabe-se, sim, a sorte de quem ama. Vive. Dê-lo o Mestre. Ora aqui é que está.

Foi justamente tocado por esta ansia de viver, que eu tomei o rápido em S. Bento e fui à Capital informar-me das possibilidades de instalar em o nosso futuro hospital, os aparelhos indispensáveis à cura das feridas de um mundo caído no chão.

Quando chegou à maré de falar nos contos, que é sempre um transe muito doloroso para aqueles que os guardam, levantei a minha voz de pedinte, a dizer que não há dinheiro no mundo que pague um português sadio, quanto mais o pobre dinheiro de Portugal!

São de tal sorte delicadas as feridas destas crianças, que não podemos ficar em panos quentes. Queremos estancar desde já o sangue. Queremos os recursos imediatos de uma ciencia que procure salvar. O Amor do próximo não sofre caricaturas.

Ora precisamente por isso, é que a vida de hoje o é. Andamos todos embriagados. Ninguém atina com o mal que nos atormenta. Há o deslumbre da própria falencia; a falencia da vida social. Não é que o mundo não disponha de re-

ursos para acudir prontamente e adequadamente aos espoleados; é que não quiere aprender a Lição do Mestre. Não sabe quem é o próximo e com medo de vir a saber, neim sequer pergunta. De uma vez, topei um doente no caminho e fi-lo conduzir ao hospital mais próximo.

—Aqui, diz o enfermeiro.

—Aqui, onde?

—Nesta cama.

—Mas essa está ocupada.

—Ah, não faz mal. Está quasi tudo a dois; veja. Nós estamos afeitos a isto.

Pensei para mim que não seria verdadeiro amor do próximo incomodar um doente na sua cama, fazendo deitar nela um desconhecido e procurei outra solução. Pasmeei de ver naquele lugar, àquela hora, um mundo afanoso, sem dar por esta horrivel anomalia! Dizem que a lepra faz perder a sensibilidade. Nós andamos leprosos!

Não se me dá do que o mundo pensa ou faz; eu cá tenho ansia de viver, como o Mestre quiere que vivamos: amando o próximo por Seu amor. Esta é a força que me levou aos Ministros da Nação.

Um hospital com tudo quanto lhe digá respeito, para acudir às necessidades dos nossos irmãos indigentes.

Um hospital onde o chamado médico da aldeia possa aplicar o seu esforço, revelar qualidades, alargar o reino do bisturi, a bem da Humanidade.

Hospital que poupe dolorosas caminhadas aos doentes do nosso povo; estalagem onde possam ser entregues por amor e curados por amor, como vem na Lição.

Porque é que há-de acudir tudo às grandes cidades, onde estão os chamados grandes mestres, em vez de apetrechar a sério pequeninos hospitais do povo, no meio do povo, para bem do povo, onde médicos estudiosos se possam tornar mestres. Porquê?

O médico da Casa do Gaiato já anda a tratar do orçamento de todos aqueles instrumentos e aparelhos necessários à montagem do nosso hospital, que tem fachada, sim, mas não será de fachada. São centenas de contos. Quando tiver na mão todos os elementos, volto a Lisboa. Quero prégar na Arcada o Amor do próximo.

Ter camas feitas, onde possa deitar doentes, cada um em sua.

Silêncio

As linhas que passamos a transcrever, são de uma carta recente. O comentário há-de ser teu;—uma palavra interior, silenciosa, ruminada; uma tristeza do panorama que vês; uma esperança de melhores dias na moda de tratar estes seres.

“Venho do asilo distrital, e que triste eu fiquei ao vê-lo! Está com onze anos e daqui a mais um tem que sair; e que há-de ser dele!”

Para maior infelicidade do pequeno, ainda o mandaram para casa da avó passar as férias, o que quiere dizer passar fome, maus tratos e continuar na vadiagem!”

Rogo o obséquio de apresentar os meus cumprimentos ao Director do asilo distrital e mais empregados, que com certeza hão-de ser em grande número, visto faltar receita para sustento dos pequeninos.

E ao depois, tome o asilado em seus braços, queime-lhe o uniforme e mande-o para o Eldorado dos garotos da rua, a que também chamam Casas do Gaiato. Os dois irmãos que ele cá tem, que lhe contem de como aqui é. Pronto.

Visitantes Coroados

Estiveram em a nossa “Aldeia”, que minuciosamente visitaram, os seguintes jovens sacerdotes, em reunião de curso: António Augusto de Oliveira, de Aveiro. José Bernardo Pereira, de Arrifana. Manuel Pinho, dos Carvalhos. Joaquim Rodrigues Pinho, de Eixo. Manuel Santos Vilar, da Murtosa. José Miranda Sousa Dias, de Relójos. Manuel Fernandes Bastos, de Vila Fria. José Gomes da Rocha Santos, de Santa Cruz do Douro e José Nunes de Oliveira, de Cete. Um já era e todos os mais, ficaram a ser assinantes.

Eu acredito no coração dos homens. Sobretudo acredito nas passadas que se dão por amor do bem das almas. E' um amor terrivelmente forte.

Quando o pobresinho saber dos homens chegar a destruir o mundo com isso que agora apareceu, este amor fica de pé;—e só este Amor é que fica!

CRÓNICA DO Lar de Coimbra

Há no Pôrto uma sucursal da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, destinada aos que estão colocados em diversos estabelecimentos comerciais e industriais daquela invicta cidade.

A Casa é excelente ao fim a que se destina: distante dos grandes movimentos citadinos, de amplas divisões com moveis adequados, possuindo ainda um formoso quintal para as escassas horas de folia. Os rapazes sentem-se naquilo que é seu, na sua própria casa, por assim dizer, e estimam as suas coisas com uma noção precoce. São hoje pequeninos homens, futuros obreiros do mundo de amanhã. A noite, após as horas do trabalho, vão às aulas dos cursos nocturnos, no comércio ou na industria consoante a especialidade da sua profissão. E admirável o interesse que eles manifestam nas mais pequeninas coisas que fazem, a vontade com que se lançam numa obra de maior vulto, ainda fora do alcance do seu conhecimento. E sentem-se estimulados. Iniciaram há bem pouco tempo a sua aprendizagem profissional. Pois nenhum deles, e já sobem a uma dezena, recebe menos de 5\$00 diários, havendo, até, alguns, com 6\$00 e 7\$00. Vocações que só agora desabrocham, braços que se estendem ao trabalho, mãozinhas que acariciam com gosto diversas peças de ferramentaria, já assim remunerados aos 14, 15 e 16 anos! E' porque os patrões sabem apreciar o valor do trabalho. Muito bem. Muito justo.

Agora, o invés. Há aproximadamente 5 anos, foi fundado o Lar de Coimbra, instituição particular, para amparo e orientação dos menores que tiverem atingido o limite de idade dentro dos estabelecimentos do Estado, e cujas situações familiares não lhes permitam segurança na vida prática. O rapaz tem naquela casa um meio de transição entre a vida que foi e a que vai ser. Nesse curto espaço de tempo, não tendo a vigilância que até aí tiveram, sabem auto-educar-se, melhorar os seus conhecimentos e aperfeiçoamentos na arte que escolheram, e vão assim alicerçando o seu futuro, escolhendo noiva, idealizando a sua casinha. Não podem permanecer indefinidamente no Lar, porque devem ceder lugar a outros, logo que tenham posição assegurada.

A boa vontade dos que se encontram à frente dos estabelecimentos comerciais e industriais de Coimbra, conhecendo o alcance moral e social da Obra, facultam-lhes a entrada e acrescentam-nos à lista dos seus empregados. Salvo raríssimas excepções, todo o rapaz sai do Estabelecimento do Estado já com algumas luzes de qualquer officio e emprega-se, depois, no mesmo ramo. O que não está certo, é que estes rapazes, aos 18, 19 e 20 anos, sejam remunerados, alguns, com 1\$00, 2\$00 e 2\$50 diários! Que calamidade! Que ofensa ao trabalho, à dignidade, ao esforço e valor de quem tem que amassar o pão com o seu suor! Não está certo!

Alega-se que, n' Lar, têm cama e mesa. Sim, é verdade. Mas, pergunta-se: Poderão os patrões, que tão mal retribuem o trabalho,

NOTÍCIAS DIVERSAS

ENCONTRO o Periquito e o Preta muito entretidos à hora do recreio à volta do cesto dos papéis.
—Que é isso?
—Sêlos p'rás missões.
Mais além, àquela mesma hora, encontro o Pôrto em um dos muitos improvisados gabinetes de leitura.
—Que é isso?
—O Mosquito.

COMO pode a gente escrever «Fundos» à altura dos leitores. Mas os temos na classe de engenheiros, bachareis, escritores, jornalistas, sacerdotes, — a nata do saber já temos. Mas quê?! Quem pode? com esta é já a terceira vez que me trazem aqui à porta do quarto a nossa toira! E' um tropear desgraçado pelos corredores fora. E quem diz toira, diz gatos e morcegos e acusações e narizes em sangue e trinta por uma linha. Ora sendo assim, quem é que pode assumir responsabilidades?

ERA um carreiro de sangue pelo corredor fora, que chegou à minha porta e fez poça. Ouvia-se a voz aflita do Xancaxé que a berrar por mim. Sai imediatamente dos meus trabalhos a contar com outros trabalhos. O nariz do queixoso pingava.
—Que foi isso?
—Foi o Darlindo!
Ora como eles são da mesma idade, entreguei o ferrião aos cuidados da enfermaria e não procedi.

ESTAVAMOS em casa, quando entrou uma batata pela vidraça de uma janela. Houve grosso retinir. Sai fora, dirigi-me a um grupo de lenhadores, batata na mão e perguntei. O pequenino chefe, dá um passo à frente e disse: *fui eu!* Este acto do pequenino vadio, simples como parece, é uma das conquistas mais estupendas dos nossos métodos. O rapaz da rua, mente por necessidade. A mentira é a sua arma de defesa. A' noite, foi solenemente premiado, não pela falta, mas sim pela confissão. Nós aqui enaltecemos a verdade. Jamais se perde a ocasião de premiar os que a dizem. E' um verdadeiro culto que se lhe presta; e que muito, se Deus é a verdade.

encontrar dentro das suas oficinas a produção desejada, sonhada? Não. O operário, vendo esbanjadas as suas energias vitais na banca, no malho, no torno, tendo uma missão social e divina a cumprir, lutando desesperadamente com as dificuldades urgentes da vida hodierna, e sem estímulo, torna-se um valor nulo na officina, um revoltado contra a sociedade, e até um perigo para a Pátria. Não está certo!

No nosso caso particular; o rapaz, com um salário tão ridículo, continua prêso ao Lar, e obsta à entrada a outros, às vezes bem mais necessitados. E depois, que contraste: no Porto, rapazinhas, que entram agora nas officinas, com 5\$00, 6\$00 e 7\$00 diários; em Coimbra, homens, integrados na vida e na arte, com a ninharia acima apontada! Há-is já com um ordenado remediável, mas, esta percentagem é pequena.

De quem tão prontamente tem aberto as portas do trabalho aos rapazes do nosso Lar, espera-se que seja justo na sua retribuição.

O Cronista, HERLANDER.

TEMOS cá uma criança na casa dos cinco, que tudo quanto sabe dizer de si é que a Mãe lhe fugiu com um homem e o Pai fez na mesma. Ele sente a falta; tem saudades; procura mimos. Chama pai a um dos nossos que foi por ele ao Pôrto e mãe à nossa costureira. Regalo-me de lhe dar chocolates!
Não acuso. Não apedrejo os pais. Se lhes fôsse a pedir contas, cada um daria a sua razão. Se os levasse aos tribunais, pior.

P. Baltazar! Que fazer, pois? Amar esta criança e isso basta.

FIZEMOS ontem um pacto solene, em acto de comunidade. Foi uma questão de uvas, a fruta do tempo. Eis os termos:
—De que é feito o vinho?
—E' feito de uvas.
—Vós quereis uvas ou vinho?
—Queremos vinho.
—Então que é preciso fazer?
—Não comer as uvas.

A seguir, houve o juramento solene de que ninguém tocaria num só cacho. Claro está que isto não se entende dos mais pequeninos, pois que não são sujeitos de juramento.

E depois do juramento feito e recebido nas minhas mãos, eu não quis ficar atrás destes briosos rapazes e comuniquei-lhes ter já comprado uma partida de cachos, que iam ser entregues dia a dia, para fazer as nossas merendas. Houve grande vivório na ocasião e presentemente, às horas do costume, há merenda de deliciosas uvas brancas. Amor, com amor se paga.

S.R. Pe Américo, estão ali muitas mulheres com umas coisas ó pescoço. Sai a ver. Eram religiosas Franciscanas e Doroteias.

Mas então

...ele é verdade que o Gaiato faz sempre uma pequenina revolução na sua alma, como pôs na carta? Mas acha; está convencido que o jornal é tão pequenino e tão desordelro, para usar nesta as palavras incandescentes da sua?!

Olhe; venha daí. Dote? Não é necessário. Não tratamos aqui dessas banalidades. Deixe as malas e traga a alma.

Saúde. O que tem serve. Nem mais nem menos. Sabe; não peço doenças nem doentes, mas gosto de ter sempre alguém na nossa improvisada enfermaria. Gosto muito! Pois se eu entro tantas vezes, dizia mesmo a toda a hora, nos hospitais, nos sanatórios, nas tocas dos incuráveis, com que alegria o não faço, quando o nosso Bom Deus manda algum pequenino ocupar o seu posto de sofrimento! Ail que bênção para uma grande casa de família, como esta nossa!

O último que nos morreu, chamou pela mãe na hora derradeira. Nem eu sabia que ele a tinha, pois se nunca falava nela! Dias depois, encontro nas ruas do Pôrto um farrapo a par de um farrapão, com uma criança ao peito. Era a mãe.

—De quem é a criança?
—E' d'êste homem! Depois de passar trabalhos, a mãe do que me morreu vive noutros trabalhos. Incestuosa!

Venha tocar com suas mãos estes requintes humanos, lição de humildade para todos nós. Traga a alma. O que tiver a mais, dê aos Pobres, para ficar e ser verdadeiramente rica.

Últimos arribados

O Celso de Vizeu. O Gregório do Fundão. O Amândio do Pôrto. Quanto ao primeiro, tem onze anos, é robusto, mãos macias...

—Tu sabes o que é uma enxada?
—Não senhor.
—E uma foicinha?
—Não senhor.
—E um martelo?
—Não senhor. Eu não tratava de nada disso.
—Que fazias tu?
—Andava por lá.

O chefe, encontrava-se no celeiro com uma data dos nossos a escolher batatas. Chamei-o. Entreguei-lhe o rapaz. Pois levou toda a tarde a transportar cestas delas, na companhia dos outros, como se fôra trabalhador de primeira linha!

Quando ao segundo, aparenta a mesma idade, queimado do tempo, mãos macias... Fugiu ao condutor da camionete, a caminho da Covilhã. Ali, foi agarrado e metido na Esquadra, de onde também fugiu. Daqui, não se sabe se ou quando fugirá. Até à data, mostra-se feliz e tem andado no grupo dos que apanham feijões entre o milho.

Quando ao terceiro, veio à nossa casa uma senhora de Alpendurada, dizer que o tinha achado na estrada, e se eu podia ficar com ele. Isto deu-se há meses.

Oh! minha senhora, tome conta dele e faça alguma coisinha, ande.

Andaram os tempos, e o nosso vadio aparece na casa do Pôrto: — *Deixe-me ir para Paço-de-Sousa!* Da idade dos outros, mostra uma compleição mui delicada, ar inteligente; nunca trabalhou!

Levou o dia inteiro a acarretar cebolas. À noite queixava-se das costas. O Chefe escutou a queixa e deu-lhe o arroz — *já p'rá frente!* O pequenino vadio aceita, recebe a violência. Caminha. E' um irmão-sito que fala. Tem juventude nas palavras. Nos recreios jogam a par. Na mesa, na cama, nos trabalhos — em tudo são iguais.

Outro que fôsse a dar aquela ordem, e o vadio ia-se embora. Assim, pode muito bem ser que vá, — mas regressa.

O rapaz da rua tem necessariamente de ser furtado à rua, para segurança pública e decôro social; tem. Mas que o não seja à força. Deve ser retirado da rua para uma outra rua, onde ele comece a sentir-se, a valorizar-se, a ser feliz.

Crónica da Casa do Pôrto

Fomos de longada até Espinho vender o nosso precioso «Gaiato». Fomos muito bem sucedidos e para complemento fomos almoçar ao Snr. das Botas e ficamos bem ao nível. O nosso Chefe foi à Povoia de Varzim juntamente com o Amadeu e o Fernandito, também venderam muito bem, e comeram em casa de um Senhor, ótamente, excepto o Luciano que rejeitou o pedido. Graças ao bom Deus somos recebidos em qualquer cantinho de Portugal de mãos abertas, e com sorriso nos lábios, desejosos sempre por saber notícias nossas.

Vieram mais dois gaiatos para se empregarem, um foi para a «Casa Piloto» o outro para um escritório da Rua Sá da Bandeira. E por hoje peço aos Amigos da Obra que nunca se esqueçam de nós, porque nós continuamos a precisar de todos os vossos Auxílios e Boas Vontades. O Manuel Pinto (Despacho) achou na via pública um pequeno objecto em ouro; quando chegou a Casa contou como encontrou o achado, felicitamos-lhe a boa acção.

O que nos vieram trazer a esta Casa. De uma Senhora, um embrulho com um lençol, 3 toalhas de rosto, 4 guardanapos e dois panos de cozinha e 20\$00. Ainda outro pacote de roupas e 20\$00. De uma visitante 50\$00. Do Espelho da Moda, alguns discos. Agradecemos aos benfeitores.

JÚLIO.

De c...
Saira...
porque...
esperav...
despach...
O pri...
4 volum...
gou 78...
casa do...
O se...
3 volu...
Granja...
ali 10\$0...
—Oh...
em casa...
—Ela...
Ora...
riqueza...
Leça, t...
lábios d...
10\$10...
pachou...
além d...
fez a v...
nos troc...
família...
bem. G...
menú...
nada fi...
vament...
dão aos...
um rôr...
vidados...
Eduard...
ao dar...
seguro...
A Póv...
foram c...
êste ch...
colocaç...
100 co...
60 cor...
60\$00...
Fômo...
o Ama...
na pont...
express...
No...
malta...
A cam...
que nã...
vai no...
O Z...
número...
Paço-de...
ciado...
neia, b...
Emp...
Ao ser...
compad...
chamou...
naquele...
de 3.00...
Paço-de...
há-de...
tem m...
pimpõe...
A m...
sempre...
muito...
fazer q...
no cas...
pouco...
bombas...
Das...
de Par...
êxito!

De como foi a venda do prestigioso jornal

Sairam muitos vendedores de casa, porque muitas eram as terras que os esperavam. Para Espinho e Granja, despachou-se o Júlio mais o Periquito.

O primeiro vendeu 100 exemplares, 4 volumes do *Pão dos Pobres* e entregou 78\$00 de acréscimos. Comeu em casa do *Senhor das Botas*.

O segundo, vendeu 80 números, 3 volumes do nosso livro, comeu na Granja em casa de alguém e deu ali 10\$00 a sua mãe.

—Oh rapaz, porque não comeste em casa da tua mãe?

—Ela não tinha que me dar!

Ora neste ponto é que bate tódá a riqueza da nossa obra. A praia de Leça, teve o pregão de *O Gaiato* nos lábios do António, que vendeu 37 com 10\$10 a mais; e do Oscar, que despachou 60 números e entregou 17\$60 além da conta; e o Zé Eduardo, que fez a venda de 50 números com 41\$10 nos trocos. Comeram em casa de uma família amiga e p'los jeitos, muitíssimo bem. Quando são três a explicar o

menú, como agora aconteceu, não é nada fácil saber-se o que eles efectivamente comeram, — tais nomes eles dão aos manjares! Trouxeram, ainda, um rôr de assinantes e ficaram convidados para a próxima venda. O Zé Eduardo, que é um grande lambareiro, ao dar notícia do convite, logo se segurou: *Veja lá agora se me troca!*

A Póvoa, também escutou o troar; foram o Luciano, Amadeu e Fernando, este chegado de Coimbra, para uma colocação no Pôrto. O primeiro vendeu 100 com 70\$00 a mais. O segundo, 60 com 20\$10. O terceiro 80 com 60\$00 de trocos.

Fômos comer a um Senhor, informou o Amadeu, que tem sempre as coisas na ponta da língua. E' rico de gesto; expressão feliz.

No Pôrto, vendeu uma grande malta, com resultados satisfatórios. A camisola amarela, por um triz que não passou para o Oscar; ainda vai no Amadeu.

O Zé saltimbanco, foi excluído do número dos vendedores, e regressou a Paço-de-Sousa, completar o seu noviciado. E' um grande refilão. Na *Ateneia*, bateu o pé ao Gerente!

Empertiga-se, em casa com todos. Ao servir à mesa, dava o melhor aos *compadres*; outro defeito. O Maioral chamou-o a contas, e ele desejou naquele lugar, àquela hora, uma bomba de 3.000 quilos a estoirar! Agora, em Paço-de-Sousa, paga-as tódas. A bomba há-de sair das mãos do Rio-Tinto, que tem muito jeito para amansar os pimpões.

A missão de curar rebeldes, foi sempre muito espinhosa, agora, porém, muito mais, por via dos tempos. Que fazer quando eles são *bombistas*, como no caso do nosso valente, se hoje pouco mais se faz do que tratar de bombas?!

Das Termas de S. Vicente e vila de Paredes, isso nem se fala, tal o êxito!

Falta de pontualidade

TEM-SE notado um bocadinho de falta de pontualidade à hora das refeições. E' o caso que apareceram aí duas rolas implumes. O Gari e outro que tal, trataram de armar gaiola e sentam-se num banco de pedra a dar-lhes de comer, enquanto os companheiros entram p'rô refeitório. Isto passa-se em plena hora de disciplina. Mas fazem mais, os indisciplinados; vão ao celeiro por trigo, que metem no bico das aves. O Constantino, que é o das chaves, já refilou.

Outro acto de indisciplinada: Um dos refeiteiros, o Francisco, escondeu a vara com que o António faz ronda, à hora das refeições. Mas amargou o atrevimento. O António que diga onde lhe deu com a vara.

2.º prémio da palestra radiofónica

Continuação da primeira página

quasi abafava com eles todos à minha roda, esperando que saíssem mais brinquedos do saco e gritando: — agora para mim! — dê-me um a mim!

— Só aos pequeninos; só trago para os mais pequenos — consigo eu dizer no meio daquela barafunda, enquanto ia distribuindo ao acaso a «camionete», a gaita, o martelo, até que surgiu o violão! Todos queriam, eram dezenas de mãos-itas erguidas para o agarrarem!

Acabados os brinquedos, comecei a distribuir os lápis. Muitos lápis de todos os tamanhos e feitios que tinha ido juntando, alguns já em meio, ou quasi no fim, mas que foi um verdadeiro sucesso. Nunca pensei que os lápis fossem tão apreciados! Entre eles ia um vermelho muito grosso. Os rapazes maiores em volta dos pequenos, quasi os esmagavam: — eu sei escrever! eu escrevo! um para mim! — gritavam todos, quando surge um maior, moreno, que grita: — Eu sou o Pépe, eu sou o Pépe! Ah! és tu o Pépe? então espera lá; vou dar-te o *vermelho*. Não sei se ficou contente com a recordação trágica da sua infância, essa infância que atravessou a guerra de Espanha, onde viu matarem-lhe os Pais e donde alucinado fugiu para Portugal onde, depois de tantos horrores, encontrou enfim repouso na casa do Gaiato.

Foram então mostrar-me a casa, e entrámos novamente na cozinha fradesca que eu já tinha visto, com as suas painéis reluzentes e onde os cozinheiros começavam a lavar a louça. No grande refeitório os copeiros limpavam as mesas.

Depois, através os enormes corredores ou galerias do Mosteiro com seus tectos apainelados, onde parecia sentir-se ainda a presença dos Monges recolhidos, o meu *cicerone* ia mostrando os dormitórios frescos e claros, irrepreensivelmente bem arrumados, um de côlchas verdes, outro vermelhas e brancas, o chão muito bem esfregado, e tudo feito por eles. Todos têm o seu lugar e a sua tarefa e cumprem-na. Por tódá a parte vasos com flôres que eles colhem e dispõem e de que não prescindem. No fundo dum corredor, um embrião de biblioteca, onde alguns se entretinham; as aulas diurnas para os mais pequenos e nocturnas para os que trabalham no campo. Como era domingo neste dia, estavam todos de folga e a brincar mas alguém mandou chamar o José Eduardo para me ir mostrar as obras lá acima. — Disse que não vinha — diz dali a pouco o que fôra chamar, que está a jogar a bola e que não vem.

— Essa agora — diz alguém admirado — vai-lhe já dizer que tem de vir. Mas no mesmo instante surge o José Eduardo, um rapazito de 11 anos, muito simpático e olhar inteligente. — Cá estou.

— Então o que foi que disseste, que não querias vir?

— Eu? exclama indignado. Disseste, sim, acode o outro já atrapalhado. — Não disse nada, é falso — e iam arremeter um contra o outro, quando alguém os separando, diz ao primeiro: — Acredito mais nêle, porque a ti, ainda ontem te apañei numa mentira. E é assim que, pondo a verdade acima de tudo, eles se educam.

Segui com o meu gracioso com-

panheiro a caminho da aldeia nova, a futura Aldeia dos rapazes, que já tem feitas 3 casas, a Casa Mãe e a Capela, tudo fresco e arejado, casas de banho, etc. Falta ainda a escola, a enfermaria, as oficinas, o campo de jogos, etc. E' uma obra monumental que se vai realizando. Tem havido lindas ofertas. 100 contos para a capela, outro faz a construção da enfermaria, outro oferece 50 contos, e mais e mais graças a Deus, mas ainda assim para se construir uma aldeia inteira, tudo é pouco e é preciso mais, muito mais. E sustentar os 80 rapazes? A quinta é grande e eles é que a cultivam. A formosa mata, na nossa frente, vai servir no próximo domingo para 300 visitantes almoçarem num pic-nic-monstro. Os visitantes serão levados do Pôrto até lá em 5 vagons especiais postos à sua disposição gratuitamente.

Descancei um pouco, sentada numas pedras perto do campo dos jogos onde alguns brincavam. Outros conversavam comigo. Um pequenito, de olhos vivos, ar esperto, fazia tiras dum bocadinho de pano que encontrara e enrolava nos dedos, com todo o cuidado, enquanto trocávamos impressões. Eu observava-o admirada, quando o José Eduardo me diz:

— Aquê é o Waldemar, o enfermeiro.

— O quê, exclamo eu, êste tão pequenino! e êle muito compenetrado do seu papel continuava, serenamente, fazendo ligaduras.

Voltamos para baixo e foi então que encontrei o Tiro-Liro. Como eram horas do combóio comecei a despedir-me, ouvindo: Volte, volte mais vezes, venha sempre e venha comer da nossa sopa, não se esqueça...

No caminho do Mosteiro, o José Eduardo confidenciava-me: — Há poucas bolas, temos muita falta de bolas. Quando cá voltar traga uma bola!

Ora agora vai a minha colherada para dizer que faço inteiramente minhas as palavras do Zé Eduardo.

CRÓNICA DESPORTIVA

No dia 15 de Agosto tivemos um encontro entre os Gaiatos e os de Paredes de reservas, e o resultado foi de 1-1. Nós alinhámos: Pepe, Maximiano, Snr. Padre Fatela, Lisboa, Rio Tinto, António, Luciano, Amadeu I e Amadeu II, Oscar e Gari. O arbitro foi o Carlos. A primeira parte acabou com nenhum pormenor. Só na segunda é que se meteram os dois "goals". O goal na nossa balisa foi provocado por um penalte que o Amadeu I não pode defender em consequência de ir a bola rasteira. O nosso foi metido pelo Lisboa por uma passagem do Luciano. Até me admirou Homens de 30 e 20 a jogar com rapazes de 12 e 15. Daqui a pouco teremos outro desafio com os mesmos e espero que o resultado seja melhor.

O Cronista
JOSÉ EDUARDO

"O GAIATO", foi visado pela Comissão de Censura

De como foram os peditórios da quinzena

Praias e termas, regorgitam. Nos Casinos, joga-se a batota e fazem-se festas de caridade; — alhos com bugalhos.

A's onze e quê, no Forte, dei o recado do costume, à estação da Missa. Não foi tanto quanto a gente necessita, mais foi a dobrar dos mais anos. De regresso da Figueira, no combóio, pagaram-me o jantar e aceitei também um cigarrito, só p'ra observar as fitas que o fumo faz, que eu cá não costume fumar. No percurso, como estivesse tudo à cunha, dei fé da minha importância: *sente-se aqui. Olhe este lugar. P.º Américo, aqui.*

Pelo que muito me admira de não ter ainda ido para o rol dos grandes contemporâneos.

Tomei um ror de assinaturas no dito combóio e chegamos ao Pôrto à tabela. Pernoitei na nossa sucursal. Não há memória de haver no mundo um pobre de pedir, que tenha cama feita e mesa posta nas principais cidades. Sou eu. Sol fora, — puz-me a caminho de Vidago, via Marão.

Já se falava ali no acontecimento. Topei muita gente, cada um no seu lugar. Ou fôsse recado mais explícito ou melhor compreendido, o que é certo é que trouxe onze contos e quê, em vez de dez, no ano anterior. A dona do Hotel, disse que não era nada. Outras despesas que por lá fiz, foi na mesma. Dizem que o imperador do Japão é dono de tudo no seu país; eu não sou dono de nada, mas tenho tudo no meu país. Quem será mais rico?!

Trouxe o Jerónimo, um futuro gaiato. O Professor Hernâni Cidade, ali em férias, disse-me de como tinha escutado à mãe a história do filho e do interesse que por êle alimentava. Condoeu-se. Ele há cristãos que o são sem dar por ela!

Quando à Povoia de Varzim, não há palavras. Na igreja, subiu a nove contos e à tarde, na «cabine» da Esplanada, foram sete redondos. O cortejo das oferendas, após a «charla», durou 15 minutos. Os oferentes vinham pelo seu pé tocados pela Graça, movidos pela convicção.

Que lindas festas de caridades, estas que a Obra da Rua tem feito!

Os Hóspedes do Grande Hotel de S. Vicente, também escutaram o recado com muita devoção.

Um negócio da China

Há dias, dei cinco contos a um pobre. A nossa missão é dar. Pois muito bem. No dia seguinte, recebo uma carta de Lisboa com as iniciais MC. a dizer que haviam depositado no porteiro do Francfort, no Rocio, seis contos para a Casa do Gaiato. Quere dizer: precisamente na hora em que se davam cinco, recebiam-se seis!

E' o «Date et Dabitur» do Evangelho.

Quem tiver fé, que se alegre ao ouvir estas notícias. Os que a não tem que chorem.

DO QUE NÓS necessitamos

Volta-se à mesma instância—um carro. Um dos nossos pequeninos contou-me de como seguiu atrás de uma família, desde o Marquês até ao fundo de Santa Catarina, a pedir que lhe comprassem o Galato. —Tanto os aborreci que eles compraram!

E sei de um certo homem que estava de uma vez na cama, quando um amigo lhe foi bater à porta, por pão.

—Homem, já estou deitado!

—Anda lá, que chegaram agora mesmo dois amigos e não tenho que lhes pôr na mesa.

—Estão os filhos a dormir; remedeia-te. Não vou.

—Dá lá um jeito! E o importantado, para se ver livre do vizinho, levantou-se da cama, foi buscar e deu-lhe pão. Ora com estes exemplos, não há que desanimar. A tal família comprou o Galato. O tal homem, deu o pão. Da mesma forma há-de vir o que se pretende.

Senhor Gonçalves de Lima, que não levou nada pelo transporte do fogão da nossa Casa, Deus o ajude. Aquêlo moço simpático da Sociedade de Cristais, que me disse ao balcão da loja: *sim, os mosatcos que quiser, não tem medo de daí!* Dizem que Portugal nasceu no Pôrto; oh! bêrço abençoado!

Mais no Pôrto um *você é que é?* *Sou sim, senhor. Então tome lá 50\$00. Da mesma sorte 40\$00. Mais de Matozinhos uma pancadaria de selos postais e mais dois contos e mais uma lista de assinantes. Mais do Pôrto uma nota de cem. No depósito, mais 20\$00 e mais 20\$00 e mais 20\$00. Mais 100\$00.*

Mais de visitantes 500\$00 e dos mesmos mais 50\$00 e mais 20\$00 e mais 20\$00 e mais 50\$00 e mais uma data deles que se fizeram assinantes, o que sobremaneira se estima. Mais 350\$00, ramallete colhido em festa de Missa-Nova. Mais 20\$00 da Chamusca.

E' interessante observar de como certos que muito desejariam e não podem, sugerem luras de onde talvez saíssem coelhos, se eu botasse o furão. E' muito de agradecer o interesse de tão bons amigos. Eles são luras no Pôrto, luras em Lisboa, luras nas províncias. A última carta vinha a dizer que pedisse eu ao Director do Século uma noitada na Feira Popular! Não posso fazê-lo. Não boto furões. O maquinismo é totalmente outro. E' dar verdade a estas crianças no comer, no vestir, no acariciar — e o mais vem por acréscimo, a seu tempo.

Olha as aves do céu que não se melam nem tecem e o Pal Celeste não lhes falta com o alimento. Ora a gente vale mais do que os passarinhos. Aqui é que bate.

Mais roupas e doces da Murtosa. Mais um livro de missa; mais do Pôrto e Casa Lino, duas bolas de câmara! Este ponto de admiração denota o que por cá não vai, quando aparece uma bola. A caixa dizia por fora *duas bolas*. O que a foi buscar ao correio, apitou. De forma que, chegado que fui de uma viagem, tudo gritava:

—Venha abrir!

—O quê?

—As bolas.

—Que bolas?

Foi então que ouvi da bôca de todos, ao mesmo tempo, a novidade que cá tínhamos.

Mais da Régua 200\$00 em acção

Crónica da nossa Aldeia

POBRES DE CRISTO

CONTINUAMOS a visitar os nossos pobres. O de Bairros quasi que não pode andar, anda mas a muito custo. Nós levávamos lá a esmola mas êle antes quer vir cá.

As do Assento também vêm cá buscar a esmola. A do Leal anda-me sempre a pedir a roupa para ela e para os filhos. O de S. Lourenço continua muito mal e anda há um mês só a deitar vômitos de sangue. Estamos com poucas esperanças dêle.

///

AQUI há tempos estavam os roupeiros a passar a ferro: eram dez e meia da noite, quando ouvimos um estrepitar de asas. Fomos a ver se era algum morcêgo, mas não era. Era um *guincho*. Pegamos em dois espanadores e começamos a guerra contra o pequeno pássaro que cedeu às nossas armas. Mas houve um por menor no meio da batalha; foi o caso que o Zé Maria andava com um braço partido e pegou num espanador mas não o segurou bem e deu com êle na cabeça da costureira que quasi lhe partia.

///

OS nossos exames correram bem. Como anunciei, eu ia fazer exame no dia 24 de Julho. Neste dia fiz a prova escrita e fui admitido à prova oral que a fiz em 28 do mesmo mês com uma aprovação.

///

CHEGARAM 3 rapazes de novo para a Casa do Gaiato. Chamam-se Celso, Gregório e Amândio. O Gregório é do Fundão, da terra do Sr. P.º Fatela. O Celso é de Viseu e o Amândio do Pôrto. Foram todos para o campo e gostam muito de trabalhar.

///

TAMBÉM veio um pequenino da Casa do Pôrto. Por êle ser muito pequenino e se chamar Mário, chamamos-lhe Marito. Quem o trouxe da Casa do Pôrto foi o Fernando, o maioral da casa, quando foi provar o fato se estava ajustado. Veio êle e o Matozinhos. Ao maioral chama pai, à costureira, mãe, à senhora, mamã e a mim tio. Anda sempre de volta da mãe. A's vezes lá vem êle espreitar à porta da rouparia ver se a mãe o chama, mas o Periquito que não é nada para brincadeiras diz-lhe a berrar: —Vai-te já embora daí! Ele faz beicinho mas daí a pouco lá está outra vez até ela o chamar para a sua beira.

///

O Carlos e o Rio Tinto têm cada um uma rolinha brava

///

de graças por um filho no Lar, para que os seus gaiatos compartilhem da nossa alegria de sermos pais.

Muito bem. Compartilhamos. Ele há tantos por êsse mundo além que trocam uma alegria verdadeira, pela falsa do «luluzinho» puxado à guita! Oh! que pecado! Ai! que terríveis contas, naquela hora amaríssima, — a da morte, quando o justo juiz chega!

que um rapaz de fora lhes deu. O primeiro também tem um melro que o Ernesto caçou. E' dos dois.

///

CHEGOU mesmo agora o Sr. P.º Fatela que tinha ido passar uns dias à sua terra. Como trouxe a espingarda e cartuchos para caçar coelhos na nossa mata.

///

AS nossas uvas já estão a amadurecer. As primeiras são sempre as que estão por cima do tanque de S. João Velho.

///

TUDO sabia dum ninho de pomba no corredor que tinha duas ovinhas mas começaram lá a mexer-lhe e partiram-nas. As pombas que tinha tido aquêles ovos eram do Pepe e êle ficou tão aborrecido. Teve razão de se aborrecer porque podiam ser já, mais duas pombas das quais êle muito gosta e estima.

///

O Herlander, maioral do Lar de Coimbra, está na Casa do Gaiato de Paço-de-Sousa onde veio visitar o seu irmão Francisco. Também tem um irmão no Pôrto e outro em Miranda. Este pupilo anda na tropa no lugar de Cabo e vai passar a Furriel.

///

TODOS os que são da 2.ª Classe vão passar para a 3.ª. E também alguns da 1.ª para a 2.ª. Não sei quem êles são mas sei que passam de classe.

///

O Ernesto é o 5.º chefe que manda nos de lá de fora. O primeiro, é o Maioral e o segundo o Rio Tinto, que mandam nos do campo. O terceiro é o Gari, que manda nos da erva. O quarto é o Oscar, que manda nos da lenha. E o quinto é o Ernesto que manda nos da limpeza das ruas.

///

O Crónista
José Eduardo.

ANTES de mais nada e enquanto me preparo para dizer duas palavras acerca do nosso importante crónista —êlé apreseentou-se-me agora mesmo com o seu trabalho e os dez dedos das mãos sujos de tinta! De maneira que a letra não diz nada com a careta. E parece que sim! Oram leiam um ponto de escola, obra sua.

«A avareza é um defeito mas ao mesmo tempo um pecado mortal. Nós devemos seguir a virtude liberalidade que é o contrário de avareza. Tôda a pessoa que é avarenta morre antes do tempo com fome ou doente, porque não quer gastar dinheiro em comprar legumes ou remédios. Ninguém no mundo deve ser avaro. Se ninguém fôsse avarento era capaz de não haver um sequer pobre no mundo! O que os avarentos têm de mais os pobres têm de menos. Quem assim é avarento não tem coração sensível e apenas adora as suas riquezas. Pratiquemos



por João Carlos

O Povo de Vila Nova parece ser muito bom. No domingo organizaram grupos que foram pedir por todos os lugares da freguesia e à tarde foram levar tudo às colónias da Senhora da Piedade. Vinham dois carros de bois: um trazia 25 arrôbas de batatas, 10 litros de azeite, algum dinheiro, feijão e milho. O outro carro trazia 40 arrôbas de batatas, 20 litros de azeite, 175\$00, algum milho e feijão. Fizeram um cortejo muito engraçado. Os homens vinham à frente e as mulheres vinham atrás a cantar o Avé. Deram muitos vivas e foram embora muito contentes.

A casa do Gaiato foi fundada em 1940 com três rapazes. Comprou-se uma panela de 3 litros, mas quando o número dos rapazes já era mais alto, comprava-se outra. Agora temos um painelão de 40 litros porque somos 40 rapazes. Devemos ter já uma colecção de 20 panelas.

Da Casa do Gaiato para a Senhora da Piedade só vai o pão e quem o leva é a nossa moleira a quem nós chamamos ti-Fôfa. Quando vem buscar o grão para moer, são sempre quasi 11 horas e quando chega a casa é sempre por volta das 3 horas da madrugada. Há dias quando ia para casa encontrou qualquer bicho. Prendeu o burro a uma árvore e atirou-se ao bicho. Diz que lhe deu tanta pancada com o arrocho até que o matou. Foi toda contente para casa julgando ter matado um lobo, só à luz é que viu que era um texugo. Quando cá estava o Freitas fazia-a zangar muito porque se punha a imitar o burro e êle começava a zurrar. Há dias estava um homem a fazer um discurso. O burro ao passar zurrrou tanto que os que estavam a ouvir o homem não se contiveram sem se rir.

A nossa Conferência está agora muito reduzida, porque foram para o Pôrto dois dos nossos melhores confrades o Adriano e o Bernardino. Como vão fundar uma conferência na Casa do Gaiato do Pôrto esperamos que êles nos continuem a honrar.

Foram outra vez à Figueira rapazes vender o Gaiato. Na Figueira venderam muitos, em Coimbra venderam poucos porque estava quasi tudo para a Figueira. Na Louzã venderam-se também bastantes. Agradecemos muito ao Sr. Ferreira porque dá sempre o comer aos rapazes que lá vão.

O segundo turno de Gaiatos das colónias foi para Coimbra na quinta-feira. Na sexta-feira veio um grupo de meninas. São tôdas tão fraquinhas que o médico não as deixou ir para a praia. Estes ares aqui são melhores.

Andamos a fazer um viveiro para aves. Já está quasi pronto. Agora faltam as aves. Quem souber onde estão pombas, rôlas, canários e pintasilgos faça o favor de nos dizer para nós irmos buscar, que nós agradecemos muito.

O Barrigana é o môço de recados das colónias. Há dias encontrou uma mulher que lhe pediu para êle cantar a moda dos ladrões: Ali, Ali bá, ba! Ele respondeu que só cantava se ela lhe desse uma abóbora. Cantou uma vez e ela deu-lhe uma. Depois pediu-lhe para cantar outra vez e deu-lhe outra.

Cortar o cabelo à homem

O Bártolo veio aqui onde trabalho com uma instância: —Posso cortar o cabelo à homem! —Oh rapaz, não. Quando fores chefe, sim.

por isso a liberalidade e afastemos de nós a avareza!»

Parece, mas não condiz. Tem de bater aqui em casa mais um ano, antes que lhe confiemos a rua.

Existe uma ordem por detrás da desordem das nossas casas, o qual, por muito escondido, é pouco observada.